TRABALHO APRESENTADO NA XXIV JORNADA DO EBEP - RIO

Data da apresentação: 26/09/2026

Autoras: Mary Vanise Batalha e Suzana Neves

Tema da Jornada: Trabalhadores que somos, trabalho que escutamos: Como a psicanálise se posiciona no contexto neoliberal?

Entre a Memória da Clínica e a Força dos Conceitos: Uma Trajetória Polifônica

[Suzana Neves]

Quando soube do título desta Jornada, pensei imediatamente na minha colega e amiga Mary Vanise. Escrevemos juntas um trabalho, ainda nos anos 80, para a jornada da Livre Associação Psicanalítica, abordando as preocupações da psicanálise diante do neoliberalismo emergente.

Ao tentar resgatar esse texto nos meus arquivos digitais, a Mary me lembrou: ele provavelmente foi escrito à mão ou, quem sabe, numa máquina de escrever, pois o Windows e os computadores pessoais ainda não faziam parte da nossa rotina. Esse resgate do tema não apenas nos provocou a escrever, mas nos confrontou com o tempo: lá se vão cerca de 40 anos desde o início da nossa formação.

Nessa época, a tradução brasileira do livro do historiador Christopher Lasch, “O Mínimo Eu: Sobrevivência Psíquica em Tempos Difíceis”, trouxe para o debate na academia a ideia de que, diante das crises sociais, políticas e econômicas, o indivíduo abandona os projetos coletivos e recua para um “eu mínimo” — um mecanismo de defesa focado na sobrevivência psíquica imediata, buscando refúgio no individualismo ou no consumo. A psicanálise abordava, ainda de forma superficial, a “Cultura do Narcisismo”. O sintoma da época passava a ser a apatia, o esvaziamento afetivo e o tédio.

Em meados dos anos 1980, o Brasil vivia a efervescência da redemocratização e o movimento das Diretas Já mobilizava o país. Mesmo com a frustração pela derrota da Emenda Dante de Oliveira no Congresso, em 1984, experimentamos a força de milhões de pessoas nas ruas reivindicando o direito de escolher o seu presidente.

Na saúde, a psicanálise se conectava à Saúde Mental e à Luta Antimanicomial, unindo forças contra o segregacionismo em meio a crises econômicas que negligenciavam a vida dos mais vulneráveis.

Esse período também foi marcado pela denúncia das vísceras do autoritarismo na própria psicanálise. O caso Amílcar Lobo expôs a cumplicidade de setores analíticos com o regime militar. Embora denunciado por Helena Besserman Vianna em 1973, a denúncia pública explodiu nos anos 1980 com os relatos de ex-presos políticos.

A reação indignada de psicanalistas como Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas culminou na expulsão de ambos da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), em 1981. No célebre debate na PUC-Rio sobre “A psicanálise e sua inserção no modelo capitalista”, Pellegrino criticou a falsa neutralidade dos psicanalistas que sustentavam a ordem social e econômica vigente, denunciando os “barões da psicanálise” e o elitismo voltado ao lucro. A batalha judicial e a repercussão pública que se seguiram escancararam a necessidade de repensar a ética e a prática analítica.

É nesse cenário de rearticulação da sociedade civil e da retomada da importância do coletivo que, em 1985, um pequeno grupo decidiu criar uma alternativa ousada e autônoma de formação psicanalítica. Nascia a Livre Associação Psicanalítica, onde eu e Mary nos conhecemos.

Na “cara e na coragem”, alugamos uma casa de quatro quartos em Botafogo. Não havia analistas nem hierarquias rígidas entre nós; a formação funcionava em grupos operativos, nos quais todos eram responsáveis pelo percurso de todos. Contávamos com a colaboração de professores, supervisores e psicanalistas que validavam no meio psicanalítico a qualidade de nossa formação. Alguns pertencem ao EBEP, como Eliana Schueller Reis (minha professora dos textos técnicos de Freud, Interpretação dos Sonhos e supervisora), Vilma Rangel (coordenadora de grupo operativo) e Fabio Lacombe; temos também a presença nesta jornada de Luciano Elia, além da contribuição de nomes como Castelar — que foi presidente do EBEP —, assim como outros que muito contribuíram, como Ruth Goldemberg, Eduardo Losicer e Chaim Katz. Nos tornamos um grupo alternativo validado por muitos.

Para viabilizar financeiramente esse sonho coletivo, organizávamos cursos abertos e sublocávamos salas de atendimento. Criamos o Departamento Clínico, permitindo que os formandos iniciassem a prática e oferecessem à comunidade atendimentos com valores acessíveis, negociados livremente. No

fim do mês, após pagar as despesas da casa, o valor arrecadado pelas sessões era compartilhado solidariamente entre os analistas com base nas horas trabalhadas.

Não tínhamos um currículo engessado. Havia um currículo mínimo e opções pessoais. A cada semestre, escutando todos os membros, definíamos a grade e convidávamos os professores. A supervisão era em grupo, tanto pela questão econômica quanto pela crença no coletivo: cada um era responsável pela supervisão e pelos atendimentos do outro. Isso nos deu a liberdade de construir trajetos singulares: enquanto eu me voltei na época para a clínica com crianças, Mary aprofundou seu percurso em Freud e Lacan.

A década de 1980 foi marcada por essa forte distensão e pluralização da prática psicanalítica — seja pela crise do modelo tradicional da IPA, pela entrada do pensamento lacaniano ou pelo diálogo necessário com a saúde pública, a universidade e a política.

Olhar para a nossa trajetória nos lembra de que a psicanálise não precisa se ver rendida ao individualismo ou à lógica mercantil do neoliberalismo. Foi na força do coletivo, do manejo solidário da clínica e do compromisso social que iniciamos nosso percurso, há 40 anos.

E foi esse marco que me deu o impulso final para estar aqui hoje. Quantas transformações se deram ao longo dessas quatro décadas — na clínica, na cultura, na sociedade e na política!

Ao longo destes anos, a diversidade da minha clínica incluiu o atendimento de crianças neurodivergentes, quadros de psicose e tantas outras especificidades. Acredito que a flexibilidade com que sempre lidei com as regras do enquadre — sem abrir mão da fidelidade aos conceitos — tenha me permitido habitar essa clínica singular, sustentada no desprendimento e na disponibilidade à surpresa.

Esse percurso foi atravessado cotidianamente pelo avanço tecnológico, pelas mutações culturais e por crises políticas, econômicas e sociais. Não posso deixar de registrar, também, a nossa experiência recente na pandemia — um momento que exigiu de todos nós a capacidade de nos inventarmos diante de uma realidade imersa em dúvidas e medos.

Diante de um mundo externo por vezes instável e hostil, o consultório demonstrou sua força e potência, evidenciando que a sustentação da psicanálise passa, impreterivelmente, pelo compromisso e pelo amor à nossa práxis. Foram 40 anos de vivências profundas que, a cada atendimento, renovam a minha fé no ato analítico.

Bem, essa dimensão da defesa da psicanálise pela fidelidade aos conceitos, eu passo agora para a minha amiga e colega, Mary.

[Mary Vanise Batalha]

Quero agradecer o convite para participar desta jornada, que me oferece a oportunidade de, de algum modo, celebrar uma trajetória construída ao longo desses anos. Onde começamos juntas, hoje nos encontramos aqui, celebrando tudo isto que se foi constituindo ao longo dos nossos percursos. Diante da provocação da jornada — "Trabalhadores que somos, trabalho que escutamos, qual a posição da psicanálise no contexto neoliberal? Entre a memória da clínica e a força dos conceitos: Uma trajetória polifônica" —, percebemos que, há muito tempo, nessa mesma parceria, escrevemos um trabalho que se tratava sobre psicanálise e pós-modernidade. Lembro que, nessa época, fiquei muito assolada com possíveis destinos de diversas coisas, entre elas a psicanálise, mas também uma que me pegou muito, que era uma história sobre o fim da canção enquanto forma musical — essa forma que articula texto (letra) a uma melodia cantada. Lembro de ler algo, inclusive, do Chico Buarque falando sobre o assunto. José Miguel Wisnik também se debruçou sobre o suposto fim da canção; vivi dias sombrios nessa época. Então, hoje, pensar a psicanálise no contexto neoliberal nos coloca de novo diante de uma questão que talvez não seja tão diferente daquela que nos inquietava naquele momento. Talvez o que nos caiba, nesse caso, seja radicalizar os conceitos e o pensamento psicanalítico, sem recuar diante das formas contemporâneas de sofrimento, sem perder de vista a força subversiva que é a própria psicanálise. Voltando à expressão "trabalho que escutamos", o que precisamos ouvir não é aleatório, mas também não é algo previamente determinado por nós. Ouvimos a partir da encruzilhada dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, tal como Lacan os retorna no Seminário 11: inconsciente, repetição, transferência e pulsão. Conceitos que se encontram em Freud, que Lacan revisita, relê e radicaliza ao longo do seu ensino. Lacan é profundamente freudiano: seu percurso é marcado por um retorno incessante a Freud; não para de repeti-lo, mas para fazê-lo trabalhar novamente. É nessa encruzilhada que situamos nossa escuta. E, nessa releitura, Lacan introduz sua própria invenção conceitual: o objeto pequeno "a”. O inconsciente freudiano nada tem a ver com as formas ditas do inconsciente que o precederam; não é o inconsciente romântico da criação imaginante. O funcionamento do que nos foi produzido

por Freud como fenômeno do inconsciente — o sonho, o ato falho, o chiste, o que chama atenção — é o modo de tropeço pelo qual eles aparecem. "Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada ou escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos e é neles que vai procurar o inconsciente" (Seminário 11, Lacan, pág. 32). Temos aí o que chamamos de uma abertura do inconsciente; os psicanalistas fazem parte do conceito do inconsciente, posto que constituem seu destinatário, seu endereço — o analista, esse também sujeitado à fenda do significante. O inconsciente é um conceito forjado no rastro daquilo que opera para constituir o sujeito. O inconsciente é aquilo que dizemos, se quisermos ser fiéis a Freud, e o que ouvimos na clínica é esse sujeito dividido, esse sujeito barrado. O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Diante disso, precisamos dizer também que o inconsciente é atemporal. Há uma expressão que tenho gostado para pensar a atemporalidade do inconsciente, bastante usada pelo povo de axé, que é: "Exu acertou hoje o pássaro com a pedra que jogará amanhã". Essa expressão já se encontra bastante assimilada por outros nichos, aleatórios; essa formulação também serve para pensar a noção do conceito do a posteriori freudiano, a descontinuidade do inconsciente e suas síncopes. A síncope na música é o que produz um deslocamento: um som é iniciado numa parte e se elide com o tempo forte seguinte, fazendo com que a acentuação esperada seja deslocada, um atravessamento à suposta regularidade métrica, uma descontinuidade naquilo que parecia contínuo. É como se uma parte do tempo não estivesse ali, estando. Essas síncopes, nós as encontramos na constituição do sujeito (Seminário 10: A angústia, J. Lacan).O pequeno objeto "a" resiste a qualquer assimilação à função significante; se apresenta como perdido, sendo assim esse dejeto, esse resto, essa queda, mas que vem se mostrar como constitutivo do fundamento como tal do sujeito desejante. Nessa operação, existe uma precipitação de um tempo no sujeito desejante; nesse tempo, temos a angústia na constituição do desejo, mesmo que esse tempo esteja elidido, não identificável no concreto. Freud já fala disso na primeira análise da fantasia ("Uma criança é espancada"): Freud fala do segundo tempo, também elidido na constituição, tão elidido que, mesmo em um processo de análise, podemos apenas reconstituí-lo. A síncope encontra-se muito presente em muitos gêneros da nossa música popular brasileira, como: polca brasileira, Ernesto Nazareth com Odeon e Brejeiro, Pixinguinha com Lamento e Doce Coco, no baião, no xaxado, no samba claro e, em outra configuração histórica e estética, o funk e outros ritmos... A descontinuidade está, então, como forma essencial com que nos aparece de saída o inconsciente como fenômeno — a descontinuidade na qual alguma coisa se manifesta na vacilação. Outro pilar de sustentação da psicanálise é a "repetição", que está num dos textos de Freud — Recordar, repetir, elaborar (1914). Freud afirma que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e recalcado, mas sim atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato; ele o repete, naturalmente sem saber o que faz. Por exemplo: o analisando, de um modo geral, não diz que se lembra de haver sido teimoso e rebelde ante a autoridade dos pais, mas se comporta de tal maneira diante do

analista; ou não se lembra de ter se vergonhado bastante de certas atividades sexuais e de ter sentido medo de que fossem descobertas, mas mostra vergonha do tratamento a que se submete agora e procura escondê-lo de todos. A repetição se evidencia como resistência contra qualquer recordação; a transferência é apenas uma parcela da repetição. J. Lacan, no Seminário 11, pinça dois termos da Física — Lacan toma emprestado dois termos do vocabulário de Aristóteles, Tiquê e Autômaton, na busca de sua pesquisa da causa. Lacan traduz isso por "encontro do real". O autômaton, referido à rede de significantes; a Tiquê, enquanto encontro com o real, está para além do autômaton, do retorno, da volta, da insistência, dos signos nos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do autômaton; é disso que Freud cuida em sua pesquisa em O Homem dos Lobos, onde se destaca para ele a função da fantasia. Ele se empenha em interrogar qual é o encontro primeiro, o real que podemos afirmar por trás da fantasia, esse real que arrasta o sujeito por toda a sua análise. A análise é orientada para aquilo, no coração da experiência: o núcleo do real. Com o conceito de "repetição", Freud (1920) — no livro Além do princípio do prazer — fala da repetição no brinquedo do seu neto (fort-da): reiteradamente, a criança obstrui o efeito de desaparecimento de sua mãe, fazendo-se o agente dela. Podemos falar um pouco apressadamente sobre compulsão à repetição, o mais-além, que na verdade é possível pensar como mais-aquém, e um pouco do conceito de "gozo" em Lacan. A transferência: este conceito é determinado pela função que tem numa práxis. Este conceito dirige o modo de tratar os pacientes, mesmo se devemos considerar a transferência como um produto da situação analítica. Pode-se dizer que esta situação não poderia criar o fenômeno todo; para produzi-lo, é preciso que haja, fora dela, possibilidades já presentes às quais ela dará composição, talvez única. Como diz Freud: "O que não pode ser rememorado se repete na conduta". Essa conduta, para revelar o que ela repete, é entregue à reconstrução do analista. Segundo Freud, a transferência é essencialmente resistente; a transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente torna a se fechar. Temos o que chamamos de resistência, tanto da parte do analisando quanto do analista. Freud nos diz no texto Além do princípio do prazer / A pulsão e seus destinos que a pulsão (Trieb) é um conceito básico, assim convencional, provisoriamente ainda um pouco obscuro, mas que não podemos dispensar na psicologia. O estímulo pulsional provém do interior do próprio organismo, atuando de modo diferente sobre a psique e precisando de outras ações para ser eliminado; aparece como força constante. Entre o somático e o psíquico, a pulsão é, antes de qualquer coisa, uma medida de trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo. A pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente. Preciso dizer que essa expressão "trajetória polifônica", que aparece no título deste trabalho, me pega especialmente porque a polifonia é uma forma de organização, uma estrutura que se manifesta na música, entre outras. Nesse grupo de trabalho do qual faço parte, "Gira Freudiana/Lacan", internamente chamamos o grupo de "Fuga", que na

verdade é uma alusão à forma fuga dos Prelúdios e Fugas do Cravo Bem Temperado, de J.S. Bach. A estrutura da fuga trata-se de uma forma musical polifônica por excelência, num contraponto rigoroso onde um tema — um propósito — é imitada e desenvolvido em várias vozes, sem hierarquia, na horizontalidade. Essa sempre foi a proposta deste grupo: não queríamos "mestre", um saber encarnado numa figura. O nome "Gira" é também uma tentativa de guardar a ideia de circularidade. O grupo está sempre aberto para interessados, curiosos e afins. Este ano fizemos 4 anos de existência; o grupo acontece na Adega da Velha, em Botafogo, todas as terças-feiras, às 21:00 hs.

[Suzana Neves]

Retomando a reflexão para concluir o nosso trabalho: como vocês puderam observar, temos percursos teóricos bem diferentes. Se a parceria nesta empreitada se tornou possível, sua riqueza se dá justamente pelo nosso encontro na clínica. Vamos, portanto, tecer nossas considerações finais sobre ela.

Quanto mais a aceleração contemporânea exige respostas prontas e certezas automatizadas, mais o ser humano se desconecta de si mesmo na tentativa de corresponder ao ritmo exterior. O mundo atual empurra o indivíduo para a repetição infinita de padrões de consumo, relacionamentos descartáveis e exaustão no trabalho.

Torna-se indispensável, portanto, uma prática clínica que atue como resistência crítica e subjetiva: um lugar por excelência para a angústia, capaz de acolher o singular, sustentar a dúvida e garantir um refúgio para o imprevisível, o incomensurável e tudo o que exige tempo de maturação.

Enquanto as abordagens de foco sintomático tratam a angústia como um mal-estar a ser eliminado e buscam silenciar o sintoma comportamental, a psicanálise escuta o que ambos têm a dizer. O sintoma e a angústia não são erros a serem corrigidos imediatamente por um sistema de produtividade, mas as únicas vias do sujeito para nomear o que ainda não encontra palavras. Ao defender o direito à falha, ao esgotamento e à vulnerabilidade, a clínica reafirma que o sofrimento não é um erro de percurso, mas uma mensagem do inconsciente que pede para ser acolhida.

É justamente ao não anestesiar essa angústia que a psicanálise, na Contemporaneidade, é convocada a ser uma prática profundamente criativa.

Em uma época de sofrimentos padronizados, a escuta não pode se apoiar em fórmulas engessadas: precisa ser inventiva para acompanhar as novas formas da dor. A psicanálise criativa transforma a angústia — que o mundo tenta silenciar — em matéria-prima de transformação, permitindo que o sujeito saia da repetição autômata e construa suas próprias saídas singulares e novos modos de existir.

Repetindo... a psicanálise criativa permite que o sujeito construa suas próprias saídas singulares e novos modos de existir. Foi essa a aposta que nos reuniu há 40 anos na Livre Associação Psicanalítica e é a mesma aposta que renovamos aqui hoje, com vocês. Muito obrigada.